



DIMENSÕES HISTÓRICAS E MOMENTOS DE SUBJETIVIDADE: FALAR SOBRE JACÓ GUINSBURG

Rosangela Patriota*

Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM

patriota.ramos@gmail.com

RESUMO: Este texto visa apresentar aspectos que singularizam a trajetória de Jacó Guinsburg como pesquisador, editor e professor na área de estética e de estudos teatrais, além de enfatizar o impacto que a sua atuação teve para a cultura brasileira no decorrer dos séculos XX e XXI.

PALAVRAS-CHAVE: Jacó Guinsburg – Teatro – Estético – História da Cultura.

HISTORICAL DIMENSIONS AND MOMENTS OF SUBJECTIVITY: TALKING ABOUT JACÓ GUINSBURG

ABSTRACT: This paper aims to present aspects that distinguish the trajectory of Jacó Guinsburg as a researcher, editor and professor in the area of aesthetics and theater studies, as well as emphasize the impact of his performance on brazilian culture during the XX and XXI centuries.

KEYWORDS: Jacó Guinsburg – Theater – Aesthetics – History of Culture.

Eu diria que nunca devemos perder a noção de crítica, na minha juventude eu me guiava por vias inteiramente pré-traçadas, hoje eu me proponho a discutir essas vias e se possível contribuir para criá-las, mas a vida é muito misteriosa.

(Jacó Guinsburg em entrevista à revista Vis, do Programa de Pós-Graduação em Arte da UNB, v. 5, n° 2, julho/dezembro de 2006, p. 21).

* Professora Assistente Doutora no Programa de Pós-Graduação em Educação, Artes e História da Cultura (PPGEAHC) da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professora Titular da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), na qual, desde 2017, integra o Corpo Permanente do Programa de Pós-Graduação em História da UFU em participação voluntária.

I

Jacó nos deixou no dia 21 de outubro de 2018, aos 97 anos de idade. Muitos diriam: “de fato, foi uma grande perda! Mas, nessa idade, isso já deveria estar sendo esperado!”

Para mim, essas palavras soam como uma constatação para nós, seres vivos, que temos data de validade e a única certeza da vida é: assim como nascemos, um dia também pereceremos! Apenas não sabemos o dia, a hora e o motivo ou, como disse Gilberto Gil e Capinan, nos versos da canção *Soy loco por ti America*:

Sei que adiante
Um dia vou morrer
De susto, de bala ou vício
De susto, de bala ou vício...

No entanto, eu acreditava que essa máxima não se aplicava a Jacó Guinsburg. Não foram poucas as vezes em que tive a oportunidade dizer: “o senhor vai passar dos cem anos!” De fato, de minha parte, havia essa expectativa e, salvo engano, acredito que a maioria das pessoas que conviviam com ele tinham essa percepção, embora em seu último ano de vida, por motivos de saúde, passou a trabalhar e a receber as pessoas no escritório de sua residência na cidade de São Paulo.

Nosso Mestre – era a maneira pela qual eu me dirigia a ele – era uma presença marcante! Voz grave e forte! O seu aperto de mão firme geralmente era acompanhado de um olhar bem fixo nos olhos daquele que recebia o cumprimento. Porém, não era apenas isso. Passado o contato inicial, via de regra, no agradável escritório em que dirigiu durante cinquenta anos a Editora Perspectiva – da qual foi fundador e seu diretor presidente –, a habilidade em conduzir diálogos instigantes e perspicazes era sua marca registrada. Como bem lembrou, por ocasião de seu falecimento, o editor Luiz Schwarcz: “Guinsburg era um caso raro porque era um *editor intelectual*”.

Isso, sem dúvida, fez toda diferença na composição da Editora Perspectiva porque, além de receber propostas de publicação e de tradução, Jacó era uma usina de ideias e de projetos. Eram raras as situações em que os interlocutores saíam de sua sala sem novos horizontes de investigação.

Nesse sentido, acerca do impacto da Perspectiva, na vida e na formação de pessoas de diferentes idades, região e área de interesse, escrevi e publiquei neste periódico o artigo *50 anos da Editora Perspectiva (SP) – momentos da História da Cultura no Brasil Contemporâneo* (volume 12, ano XII, nº1). É evidente, é muito pouco perto da importância dessa editora para a cultura no Brasil. No entanto, nesse momento, o texto que aqui apresento tem como objetivo revelar alguns ângulos, sob o meu ponto de vista, de Jacó Guinsburg.

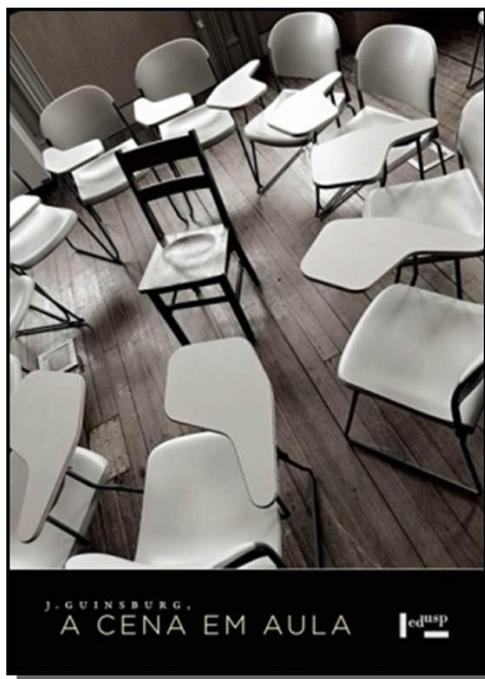
Conheci o famoso *J. Guinsburg*, em 1988, nos corredores do curso de Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes da USP. Fui a ele apresentado por Silvana Garcia, à época, sua orientanda de doutorado, que ministrava a disciplina *As formas do teatro político*. Eu, pós-graduanda do curso de História Social da FFLCH-USP, tinha como projeto de pesquisa a peça de Oduvaldo Vianna Filho, *Rasga coração*, e, por dever de ofício e formação intelectual, fora para a ECA estudar e conhecer, na medida do possível, os fundamentos do fazer teatral.

Tive o privilégio de fazer cursos de graduação e de pós-graduação com Sábado Magaldi, Renata Pallotini, Elza Cunha Vincenzo, entre tantos outros. Todavia, o impacto que tive ao me deparar com o Professor Jacó foi definitivo, tanto que no decorrer do ano seguinte, 1989, fui sua aluna nas disciplinas Estética I e Estética II,

acrescido do privilégio de lhe oferecer carona ao final das aulas, que eram ministradas às sextas-feiras.

No trajeto, a discussão continuava e eu sorvia as palavras do Mestre. Afinal de contas, era um privilégio aprofundar aspectos que, para mim, não estavam plenamente elucidados. Não bastasse isso, todas as segundas-feiras, pela manhã, horário em que ele dava atendimento aos alunos, estava eu nos corredores esperando a minha vez para discutir a minha pesquisa e os caminhos possíveis.

Como já tive oportunidade de escrever no livro *J. Guinsburg, a cena em aula – itinerários de um professor em devir*, que eu e ele organizamos pela EDUSP (2009),



Jacó era dialógico. As suas conversas se iniciavam com perguntas e, é claro, como bom interlocutor, aguardava as respostas. Aliás, quando estávamos preparando esse livro, eu e Sônia Azevedo, que fora uma orientanda muito querida dele, dizíamos: “o bom de tudo isso, é que sabemos que nunca teremos condições de atingir o seu repertório e capacidade reflexiva. Reconhecido isso, procuramos tirar o melhor desses encontros e, com isso, buscar nosso aprimoramento!”

Esse processo era muito bom! Primeiro porque Jacó buscava, de fato, a interação. Ele tinha a capacidade de ouvir o outro e expandir os horizontes interpretativos da discussão. Era um processo contínuo que fez muito bem a todos que tiveram o privilégio de com ele conviver.¹

Isso aconteceu comigo. Nesse período, nosso diálogo se estendeu no decorrer dos anos 1990 e 1991, sendo este último marcado por sua aposentadoria compulsória na Universidade de São Paulo e pela minha aprovação em concurso público como docente para o Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, situada na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. Também não posso deixar de mencionar que a nossa interlocução era tão frutífera que chegamos, eu e ele, a cogitar que eu antecipasse a defesa de minha dissertação de mestrado e fosse fazer o doutorado, sob sua orientação, na ECA. Entretanto, quando fui comunicar minha decisão ao meu orientador, fui informada que, devido à abrangência das discussões, a minha pesquisa continuaria como o Doutorado Direto. Com isso, obtive o doutorado em História Social e me tornei a *orientanda que nunca foi* de Jacó Guinsburg!

Bem, os anos que se seguiram foram de adaptações. Jacó iniciando um novo momento em sua trajetória, agora aposentado, mas cheio de ideias e projetos à frente da Editora Perspectiva, além de inúmeros compromissos que uma agenda tão disputada como a dele abarcava. No ano de 1993, tivemos dois encontros marcantes. O primeiro foi a sua presença como conferencista no I Encontro das IFES Mineiras, ocorrido em São João Del Rey, quando, junto com Dona Gita Guinsburg, tivemos debates, almoços, jantares extremamente agradáveis e instigantes. Já o segundo encontro foi com ele na condição de arguidor na banca do meu Exame de Qualificação. Jamais poderei esquecer aquele dia. Eu havia apresentado um relatório com muitas informações, ideias,

¹ A fim de reiterar o que digo, convido o leitor a visitar as páginas do mencionado livro (**J. Guinsburg, a cena em aula** – itinerários de um professor em devir), no capítulo voltado aos depoimentos de seus alunos.

documentação, etc. Em meio a debates e perguntas, meu Mestre me fez uma única indagação: “Muito bem Rosângela, você demonstra argumentos, questões, críticas, etc., mas, em relação à sua documentação, quem são os críticos aos quais você se refere, isto é, qual o lugar social e político desses trabalhos?”.

Aparentemente, uma simples pergunta, porém ela redimensionou completamente a estrutura da tese, tanto que escrevi dois capítulos para responder essa indagação.² Contudo, devido a uma extensa agenda, Jacó Guinsburg não pode participar de minha defesa de doutorado ocorrida em 22 de setembro de 1995. Isso calou fundo e eu tive de aceitar defender o trabalho sem a sua presença. Devo fazer justiça: tive uma banca altamente qualificada, que leu a pesquisa com rigor e da qual recebi belas contribuições.

Todavia, ficou o gosto de *um grito parado no ar!*

A partir de então, passei a acompanhar Jacó Guinsburg por meio da Editora Perspectiva, como a maioria das pessoas, até, que cinco anos depois, precisamente, em 2002, o telefone em minha residência, em Uberlândia, tocou. Do outro lado da linha, Ivone Martins, a secretária de J. Guinsburg, perguntando por mim e dizendo o Sr. Jacó vai falar!

Devo confessar, meu coração parou! Eu segurei a respiração e atendi. Do outro lado, aquela voz inconfundível dizendo: “você ainda está brava comigo?”. De minha parte, quase sem conseguir falar e suando frio, respondi: “Imagina! Eu fiquei triste com a sua ausência, mas nunca fiquei brava! Sou é muito grata!”.

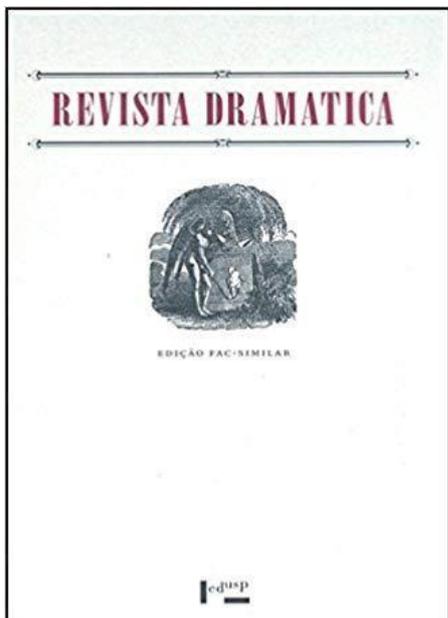
Como resposta ele me disse: “Vou publicar as peças do Vianinha e gostaria que você as organizasse”. Ele mal começou a falar e eu já respondia sim! Esse convite,



² Para maiores detalhes, consultar os dois primeiros capítulos do livro **Vianinha** – um dramaturgo no coração de seu tempo. São Paulo: Hucitec, 1999.

significava mais um motivo para justificar a minha presença na capital de São Paulo, cidade que nunca deixei de frequentar fosse pela minha família, fosse pelo teatro, fosse pela vida cultural, fosse por outros compromissos profissionais. Na verdade, eu nunca deixar de ser paulistana e, nesse momento, mais uma justificativa se agregava às existentes: Jacó Guinsburg e a Editora Perspectiva.

Fui à editora e fui recebida com o mesmo carinho e gentileza. Começamos o trabalho e, por razões que não vêm ao caso, a publicação das peças de Vianinha não aconteceu. Todavia, eu já possuía um volume de material muito grande e Jacó decidiu que faríamos uma publicação. Daí nasceu *A crítica de um teatro crítico* (São Paulo: Perspectiva, 2007). Foi meu primeiro livro pela editora que havia povoado o meu



imaginário desde que eu iniciara na vida acadêmica. Nesse ínterim, a Perspectiva estava envolvida na produção do *Dicionário do Teatro Brasileiro: temas, formas e conceitos* (2ed. São Paulo: Perspectiva/SESC-SP, 2009) e eu fui incorporada ao conjunto de colaboradores responsáveis pela elaboração dos verbetes.

Depois desse telefonema e até o dia 21 de outubro de 2018, foram dezesseis anos ininterruptos de muito trabalho, inúmeras discussões, projetos e publicações. Organizamos livros em conjunto – além do já mencionado *J.*

Guinsburg, a cena em aula, temos *Boca de cena: marcações de um espectador* (São Paulo: EDUSP, 2016), *Digitais de um leitor* e *Datilogramas da Memória*, ambos ainda inéditos. Escrevemos verbetes para o *Léxico Pedagogia do Teatro*, assinamos prefácios como *A pajelança da teatralidade* para o livro *A teatralidade do humano* (São Paulo: SESC-SP, 2011) e a introdução à edição *fac símile* da *Revista Dramática*. Publicamos capítulos de livros como *Weaving the Narrative of the Construction of the History of Brazilian Theater in the 1970s* (North Carolina: MacFarland & Company, Inc., Publishers, 2015), *O Pensamento Crítico e Estético* (São Paulo: Perspectiva/SESC-SP, 2013), *Teatro Brasileiro: uma longa história e alguns focos* (São Paulo: Companhia das Letras, 2011). Não bastasse isso tudo, escrevemos juntos *Teatro brasileiro: ideias de*

uma história (São Paulo: Perspectiva, 2012), ao lado de outro trabalho que estruturamos em conjunto e que será por mim finalizado.

Sem dúvida, o quantitativo impressiona. Porém isso é o de menos. Imagine,



estimado leitor, cada texto trazido a público carregava consigo inúmeras reuniões, recheadas de conversas amistosas sobre o mundo, a vida, a cultura e a arte, que desembocavam no tema específico que deveria ser discutido. Esses encontros podem ser identificados como pequenos colóquios entre o Mestre e a Aprendiz. Eram eles muito prazerosos, na medida em que a erudição não era sinônimo de pedantismo, nem de arrogância. Pelo

contrário, era o exercício da desconstrução das verdades estabelecidas na busca das fenomenologias dos objetos estudados. Juntamente com esses diálogos presenciais, existiam horas e horas de ligações interurbanas, nas quais textos eram comentados, as correções eram feitas sempre entremeadas a boa conversa e adoráveis gargalhadas.

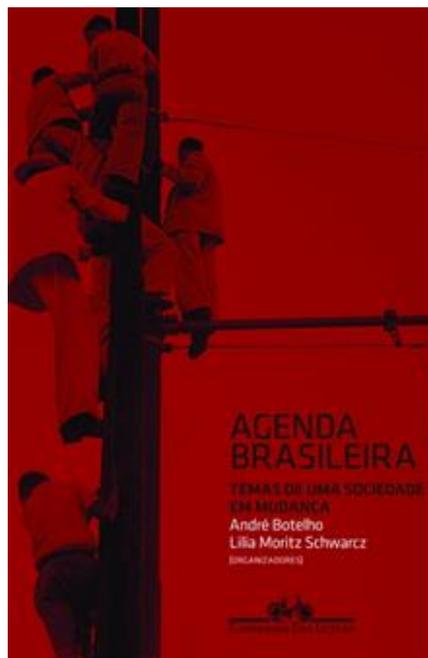
Esse era meu Mestre! Alguém dotado de grande generosidade e sinceramente empenhado em fazer com os que estivessem ao seu redor crescessem intelectualmente. Até hoje, não sei se escrevo bem ou se tenho uma narrativa agradável. Todavia, devo a ele o estímulo e o impulso para que eu, de fato, produzisse. Ele me dizia: “não tenha medo! Um texto nunca encontrará a sua forma definitiva. Devemos saber o momento em que ele está pronto para ser debatido e criticado. Demorar demais faz com que as ideias, os temas e a escrita passem do ponto e aí eles se tornam fruta madura caída do pé!”

debates
debates
debates

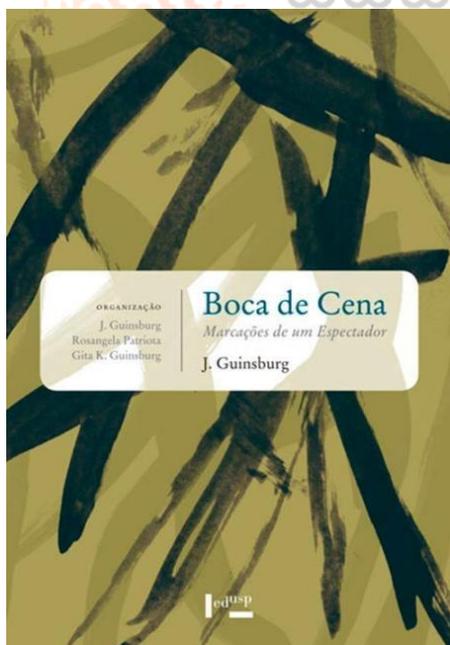
teatro

**j. guinsburg e
rosângela patriota**
**TEATRO BRASILEIRO:
IDEIAS DE UMA
HISTÓRIA**

Um grande intelectual, um dos responsáveis por trazer para o debate brasileiro importantes realizações das vanguardas europeias do início do século XX, um tradutor maravilhoso. Editor e leitor de autores como Hegel, Schiller, Goethe, Pirandello, Spinoza, Platão, Maiakovski, Ibsen, Stanislávski, Artaud, Meyerhold, Auerbach, Umberto Eco, Michel Foucault, Derrida, Lacan, isso sem contar as centenas de autores brasileiros que ele publicou, mais que isso, impulsionou carreiras e deu projeção a significativas pesquisas desenvolvidas nas universidades brasileiras. Ao mesmo tempo, nunca é demais recordar, as inspiradas interlocuções com Anatol Rosenfeld, Haroldo e Augusto de Campos, Sábato Magaldi, Bóris Schnaiderman, entre tantos outros.



Em meio a tais referências, não se pode ignorar que esse repertório foi mediado por uma trajetória de imigrante judeu, criado no bairro do Bom Retiro, em São Paulo, espaço que lhe propiciou inúmeras vivências políticas, intelectuais e de sociabilidade oriunda, principalmente, do espaço público.



Em vista disso, creio, tais vivências, associadas a uma inteligência arguta, tornaram Guinsburg uma figura singular, que continuará presente em nossas reflexões, na leitura e discussão de seus trabalhos e, é claro, nos livros editados pela Editora Perspectiva, pois a contribuição de J. Guinsburg para a cultura brasileira é fundamental!

Sob esse prisma, sabemos que nosso Mestre possui um lugar incontestado na produção intelectual brasileira, fruto de um processo de memorização, que é fundamental para a permanência do debate. No entanto, mesmo cientes dessa tarefa, também temos consciência de que a sua perda física gerou um vazio incomensurável.

A saudade de momentos carregados de sentidos e significados tendem a ser preservados como pequenas relíquias, uma vez que a ausência física está sempre a nos lembrar que são *tempos de delicadezas perdidas!* No entanto, prefiro não pensar na ausência física de Jacó Guinsburg, porque ele se faz presente toda vez que começo a escrever um texto ou ter alguma ideia que, acredito, possa ser interessante. Fico a imaginar quais seriam as suas recomendações para que a empreitada tenha êxito.

Eu disse em inúmeras oportunidades e, aqui, reitero novamente: sou muito grata a J. Guinsburg! Devo muito a ele, não só por ser meu Mestre, mas por haver me concedido o privilégio de sua amizade!

Sempre haverá um pouco de J. Guinsburg em tudo que eu, porventura, venha a fazer. Em outros termos, para traduzir o impacto de sua presença em minha vida, tomo de empréstimo as seguintes palavras do poeta inglês William Blake:

No tempo da sementeira, aprende: na colheita, ensina; no inverno desfruta.
Conduz teu carro e teu arado por sobre os ossos dos mortos.
A estrada do excesso leva ao palácio da sabedoria.
A Prudência é uma solteirona rica e feia, cortejada pela Impotência.
Quem deseja, mas não age, gera a pestilência.
O verme partido perdoa ao arado.
Mergulha no rio quem gosta de água.
O tolo não vê a mesma árvore que o sábio.
Aquele, cujo rosto não se ilumina, jamais há de ser uma estrela.
A Eternidade anda apaixonada pelas produções do tempo.
A abelha atarefada não tem tempo para tristezas.
As horas de loucura são medidas pelo relógio; mas nenhum relógio mede as de sabedoria.
Os alimentos sadios não são apanhados com armadilhas ou redes.
Toma do número, do peso e da medida em ano de escassez.
Nenhum pássaro se eleva muito, se se eleva com as próprias asas.
Um cadáver não vingará as injúrias.
O ato mais sublime é colocar outro diante de ti.³

Jacó Guinsburg viveu noventa e sete anos! Sob meu ponto de vista, teve uma vida plena! Por esse motivo, cabe a nós, que fomos marcados por sua criatividade e ousadia, continuarmos a interlocução que sempre marcou o seu trabalho: o princípio do dialógico!

³ BLAKE, William. Provérbios do Inferno. In: **William Blake** – poesia e prosa selecionadas (edição bilingue. Tradução e prefácio de Paulo Vizioli). São Paulo: Nova Alexandria, 1993, p. 91.

RECEBIDO EM: 27/11/2018

PARECER DADO EM: 13/12/2018



www.revistafenix.pro.br